

# ***Capítulo Geral da Ordem Cisterciense***

Ariccia, 9 de outubro de 2022

**Pe. Mauro-Giuseppe Lepori OCist**

## ***Saudação inicial e introdução***

Caríssima Madre Abadessa e Padres Abades Presidentes,  
Caro Padre Procurador-Geral,  
Caríssimas Madres Abadessas, Padres Abades, Madres Prioras, Padres Piores  
e todos os membros do Capítulo Geral,

Nos encontramos depois de 7 anos desde o último Capítulo Geral. Não foram anos fáceis de atravessar, marcados pela pandemia do Covid-19, pela crescente fragilidade das nossas comunidades, por algumas demissões de superiores em seguida a graves irregularidades e abusos de poder.

Muitos rostos mudaram na formação do nosso Capítulo Geral: 7 Abades Presidentes mudaram, e temos mais uma Congregação, a de Santa Gertrudes Magna. O Abade Presidente Eugenio Romagnuolo, de Casamari, infelizmente nos deixou, vítima do Covid, já em abril de 2020. Há cerca de 43 novos superiores e superiores (a metade dos membros do Capítulo Geral), entre os quais 7 administradores. 13 comunidades perderam seu status de sui juris por vários motivos. Há apenas um superior de um novo mosteiro sui juris, o de Phuoc Hiep, no Vietnã. Grandes figuras de Superiores da Ordem terminaram seu fiel serviço. Madre Gemma Punk de Regina Mundi, renunciou após 75 anos como superiora. Agora sabemos que ela “reinou” por mais tempo que a rainha Elizabeth! Madre Rosaria Saccol, de S. Giacomo di Veglia, deixou o ofício abacial depois de 51 anos e retornou santamente ao Pai em 23 de novembro de 2021. Madre Irmengard Senoner de Mariengarten terminou há pouco o seu serviço depois de 39 anos de abaciado.

Costumo mencionar os superiores que, além dos mencionados, retornaram à Casa do Pai nos últimos anos: o abade presidente emérito da Congregação de Maria Mediadora de Todas as Graças, Dom Gerardus Hopstaken; o abade presidente emérito da Congregação da Sagrada Família, Dom Jean Lam; o abade presidente emérito da Congregação de São Bernardo na Itália, Dom Ambrogio Luigi Rottini; Madre Consolata de Frauenthal, Madre Assunta de S. Susanna, Dom Bao de My Ca, Abade Christian de Rein, Abade Denis de Dallas, Madre Presentación Muro de Santo Domingo de la Calzada, Madre Agnes de Kismaros. Outra perda dolorosa para a Ordem foi a morte prematura do Padre Sebastiano Paciolla, ocorrida em 22 de junho de 2021.

Os membros do Capítulo Geral com direito a voto em 7 anos diminuíram de 100 para 87. Os membros da Ordem, não obstante os países como o Vietnã e algumas comunidades na Europa e Estados Unidos que tem bastante vocações, diminuíram de cerca de 2500 para 2217.

Como dizia ao Santo Padre encontrando-o no dia 13 de junho passado: "Temos mais dificuldade para caminhar, mas caminhamos mais juntos". Francisco respondeu-me citando um ditado africano: "Se queres caminhar rápido, caminha sozinho, mas se queres caminhar seguro, caminha junto com os outros".

Sim, penso que caminhamos mais juntos, mas nem sempre e nem com todos. No fundo, veremos com este Capítulo Geral se ao Papa eu disse a verdade ou uma mentira. Espero que não me obrigueis a ir confessar-me!

### **Para que deve servir um Capítulo Geral?**

A *Carta Caritatis* nos repete há 903 anos: "Tratamos da salvação de suas almas; damos disposições quanto à observância da santa Regra ou da Ordem, se houvesse qualquer coisa a corrigir ou a incrementar; restaurem entre si o bem da paz e da caridade" (CC VII, 2).

Nisto, ela retoma tantas exortações apostólicas, como aquela que São Paulo dirige aos Efésios:

"Exorto-vos, pois, que leveis uma vida digna da vocação à qual fostes chamados, com toda a humildade e amabilidade, com grandeza de alma, suportando-vos mutuamente com caridade. Sede solícitos em conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Sede um só corpo e um só espírito, assim como fostes chamados pela vossa vocação a uma só esperança. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Há um só Deus e Pai de todos, que atua acima de todos, por todos e em todos. (...)

Mas, pela prática sincera da caridade, cresçamos em todos os sentidos, naquele que é a Cabeça, Cristo. É por ele que todo o corpo – coordenado e unido por conexões que estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria – efetua esse crescimento, visando à sua plena edificação na caridade." (Ef 4,1-6.15-16)

O Papa Francisco, em todas as suas exortações destinadas a reavivar a natureza sinodal da Igreja, ajuda-nos a redescobrir o nosso carisma cisterciense, próprio como um "caminhar juntos" de comunidades reunidas por uma mesma vocação, por uma única esperança, uma única fé, uma única caridade. Em minhas cartas e em algumas conferências destes últimos 4 anos, procurei estimular entre nós esta *consciência sinodal de nossa vocação e missão*, independentemente das diferenças de observância e estilo que vivemos em nossas comunidades individuais ou Congregações. Nisto me ajudou muito o reencontrar-me para participar em vários encontros da Igreja: o Sínodo dos Bispos de 2018 dedicado aos jovens, o encontro no Vaticano em fevereiro de 2019 sobre o tema dos abusos na Igreja, depois o início do caminho sinodal de toda a Igreja nos dias 9 e 10 de outubro de 2021, caminho que culminará com o Sínodo dos Bispos do próximo ano. Também me estimulou nisto a surpresa de ser eleito para o Conselho executivo da União dos Superiores Gerais e a surpresa ainda maior de ser eleito vice-presidente desta União. Não é um serviço que me requer muito trabalho, felizmente, mas que me ajuda a estar mais atento ao que pulsa na Igreja universal e no mundo. Procurei tornar a Ordem participante desta consciência. Me dei conta de quanto as outras Ordens religiosas estão atentas a nossa experiência e sensibilidade monástica no enfrentar os

problemas e sobretudo no viver a missão da Igreja. É importante que sejamos conscientes disso, porque não é tanto o papel de abade geral que me habilita para esta tarefa, quanto a vocação que partilho com cada um de vós.

Dizia o Papa no seu discurso por ocasião do início do caminho sinodal, exatamente há um ano, em 9 de outubro de 2021:

«Comunhão e missão correm o risco de permanecer termos meio abstratos, se não se cultiva uma práxis eclesial que se exprima em ações concretas de sinodalidade em cada etapa do caminho e da atividade, promovendo o efetivo envolvimento de todos e cada um. Naturalmente celebrar um Sínodo é sempre bom e importante, mas só é verdadeiramente fecundo se se tornar expressão viva do ser Igreja, dum agir caracterizado por verdadeira participação.

E isto, não por exigências de estilo, mas de fé. A participação é uma exigência da fé batismal. De facto – como afirma o apóstolo Paulo – «num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo» (1 Cor 12, 13). O ponto de partida, no corpo eclesial, é este e mais nenhum: o Batismo. Dele, nossa fonte de vida, deriva a igual dignidade dos filhos de Deus, embora na diferença de ministérios e carismas. Por isso, todos somos chamados a participar na vida da Igreja e na sua missão. Se falta uma participação real de todo o Povo de Deus, os discursos sobre a comunhão arriscam-se a não passar de pias intenções.» (Momento de reflexão para o início do percurso sinodal, Discurso do Santo Padre Francisco, 9.10.2021)

### **Participar na missão da Igreja**

“Todos somos chamados a participar na vida da Igreja e na sua missão”, disse Papa Francisco. Gostaria de sublinhar esta frase, porque nos torna conscientes que encontrar-nos e trabalhar juntos não é uma tarefa só para nós mesmos, mas deve ser animado por um sopro universal. Certo, devemos, como nos pede a *Carta Caritatis*, tratar da salvação de nossas almas, dar disposições acerca da observância da santa Regra ou da Ordem, corrigir ou incrementar a vida de nossas comunidades e restaurar entre nós o bem da paz e da caridade (cf. CC VII,2). Mas se em tudo isso não pensamos na missão de toda a Igreja, isto é não pensamos na salvação de todo o mundo, todo o trabalho sobre nós mesmos será narcísico, estéril, não dará frutos, nem mesmo para nós mesmos. Porque desde o início nossa Ordem permaneceu unida e trabalha para sua própria conversão "desejando beneficiar aos membros da Ordem e a todos os filhos da santa Igreja - *prodesse illis omnibusque sanctae Ecclesiae filiis cupientes*" (CC I,3). Os filhos da Igreja significam toda a humanidade. Somos chamados a ser pais e mães, irmãos e irmãs de toda a humanidade. Não a humanidade em abstrato, mas a humanidade que hoje no mundo nasce, vive, trabalha, sofre, morre. Não devemos nos sentir estéreis e inúteis se não tivermos vocações ou se devemos fechar alguns mosteiros. Devemos nos sentir estéreis e inúteis se vivemos a nossa vocação sem esta paixão por toda a humanidade.

O Papa fala sempre de "Igreja em saída", isto é, da paixão missionária que faz com que a Igreja se esforce por alcançar cada ovelha desorientada e afastada do rebanho de Cristo. Também nós, respeitando as características mais contemplativas ou mais

apostólicas de cada uma das nossas Congregações e comunidades, devemos encontrar e reavivar esta irradiação missionária, para permanecermos vivos e sobretudo felizes pela alegria do Evangelho. Como escreve ainda o Papa na *Evangelii Gaudium*: "Cada cristão e cada comunidade discernirão qual o caminho que o Senhor pede, porém todos somos convidados a aceitar este chamado: sair do próprio conforto e ter a coragem de chegar a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho". (EG 20)

Às vezes ficamos tristes e descontentes, sensíveis e caprichosos, simplesmente porque esquecemos o sofrimento do mundo, esquecemos a pandemia, a pobreza, a guerra, a fome, a vida sem sentido de tantos homens e mulheres, de tantos jovens. Esquecemos a dor inocente de tantas crianças, a insegurança em que vivem tantas famílias, as dificuldades econômicas e sociais que os leigos enfrentam. Esquecemos os cristãos perseguidos, esquecemos os mártires. Esquecemos os migrantes. Esquecemos a tristeza dos pecadores que não encontram o Redentor. Em suma, esquecemos todas as ovelhas perdidas sem pastor, ou seja, esquecemos a compaixão de Cristo pela humanidade (cf. Mc 6,34).

Quantas vezes, encontrando-me confrontado, juntamente com alguns de vós, com problemas que nunca se resolvem, nos quais se reacendem continuamente os conflitos, as reivindicações, as desobediências, as infidelidades, falamos a nós mesmos: mas o que tudo isso tem a ver com a salvação do mundo e, portanto, com Cristo que veio viver, sofrer, morrer e ressuscitar para nos salvar?

Mas é reconfortante ver que a maioria das comunidades e das pessoas vivem com essa consciência missionária, e isso torna sua vida grande e irradiante, mesmo e sobretudo quando as circunstâncias, as condições, a saúde, os obrigam a reduzir a ação. Quem ama muito, mesmo que não possa fazer nada, age como Deus!

Muitos irmãos e irmãs têm, por assim dizer, um "coração em saída", isto é, um coração eclesial, missionário, mesmo e sobretudo se só podem rezar, e sobretudo oferecer tudo pela salvação do mundo. Fico feliz em ver um pouco em todo o mundo que tantos jovens em nossas comunidades têm esse sentido universal de nossa vocação, e isso nos enche de esperança.

É com esta esperança que dou início ao nosso Capítulo Geral, sobre o qual já invocamos o Espírito Santo e continuaremos a invocá-lo, fazendo epíclese sobre tudo aquilo que viveremos, diremos, pensaremos, experimentaremos nestes dias, afim de que tudo seja oferecido ao Espírito para que em tudo encarne Cristo Redentor, Misericórdia do Pai, como no seio de Maria, Mãe da Igreja, Mãe de Cîteaux.